

A NECRÓPOLE ROMANA DO SÍTIO DA ESTRADA DA CALÇADA 2 (BEJA) - NOTÍCIA PRELIMINAR

Recebido: 1 de Maio de 2017 / Aprovado: 6 de Janeiro de 2019

Tiago Nunes¹

Era Arqueologia S.A.

Patrícia Simão²

Era Arqueologia S.A.

Resumo

O sítio da Estrada da Calçada 2 refere-se a uma necrópole romana, cronologicamente enquadrável no século I d.C. Na referida necrópole identificou-se um pequeno mausoléu em que foi possível observar a existência de dois momentos distintos de utilização, tendo-se observado uma remodelação da estrutura. Na primeira fase de utilização do monumento foram identificados enterramentos de incineração posteriormente colocados em urnas e colocados no interior do mesmo. No interior da câmara foi ainda encontrado um elevado número de unguentários de cerâmica.

Palavras-chave: necrópole; mausoléu; incineração; romano; Beja.

Abstract

The archaeological site of Estrada da Calçada 2 refers to a Roman necropolis, chronologically framed in the first century AD. In the mentioned necropolis a small mausoleum was identified, in which the existence of two distinct moments of use was perceived, as well as a remodelling of its structure. In the first phase of use of this monument, several burials of incineration were identified, posteriorly placed in urns and placed inside it. A high number of ceramic *unguentaria* were also found inside the chamber.

Keywords: necropolis; mausoleum; incineration; Roman; Beja.

¹ tiagocmn@outlook.com

² patrisimao@gmail.com

Introdução

O sítio da Estrada da Calçada 2 foi identificado durante os trabalhos de acompanhamento decorrentes da instalação da rede de fibra ótica, associada aos Blocos de Rega de Beringel – Beja por parte da empresa EDIA, S.A.

O referido sítio romano situa-se no limite SO da área urbana da cidade de Beja (Fig. 1) num terreno atualmente utilizado para fins agrícolas. Parte dos vestígios identificados refere-se às ruínas de uma necrópole do período romano datável do séc. I d.C., podendo apontar-se a sua construção para o início do século e o seu abandono para o final do mesmo. Juntamente com os contextos funerários foi ainda intervenionada parte de uma via, neste caso uma calçada, sendo perceptível a existência de duas fases de utilização desta realidade, podendo colocar-se a possibilidade de a sua utilização ser contemporânea da mencionada necrópole.

Descrição dos contextos

Entre as várias estruturas intervencionadas neste sítio destaca-se um pequeno mausoléu, de planta retangular, medindo atualmente o seu espaço interior cerca de 2,85m de comprimento por 1,70m de largura, orientado no sentido SO-NE, não tendo sido possível identificar a sua entrada (Figs. 2-3). O referido compartimento apresentava marcas de, pelo menos, duas fases distintas de utilização: uma primeira fase onde são colocados restos de cremação em urna, algumas das quais enterradas no chão da câmara, juntamente com espólio funerário (unguentários em cerâmica); e uma segunda fase onde existe uma remodelação do mausoléu, construção de novas estruturas e redimensionamento do espaço interior, com a redução da sua área. Nesta segunda fase é também construída uma sepultura de inumação junto da parede sul, colocando-se a hipótese de, com esta remodelação do espaço, ter ocorrido simultaneamente também uma mudança no

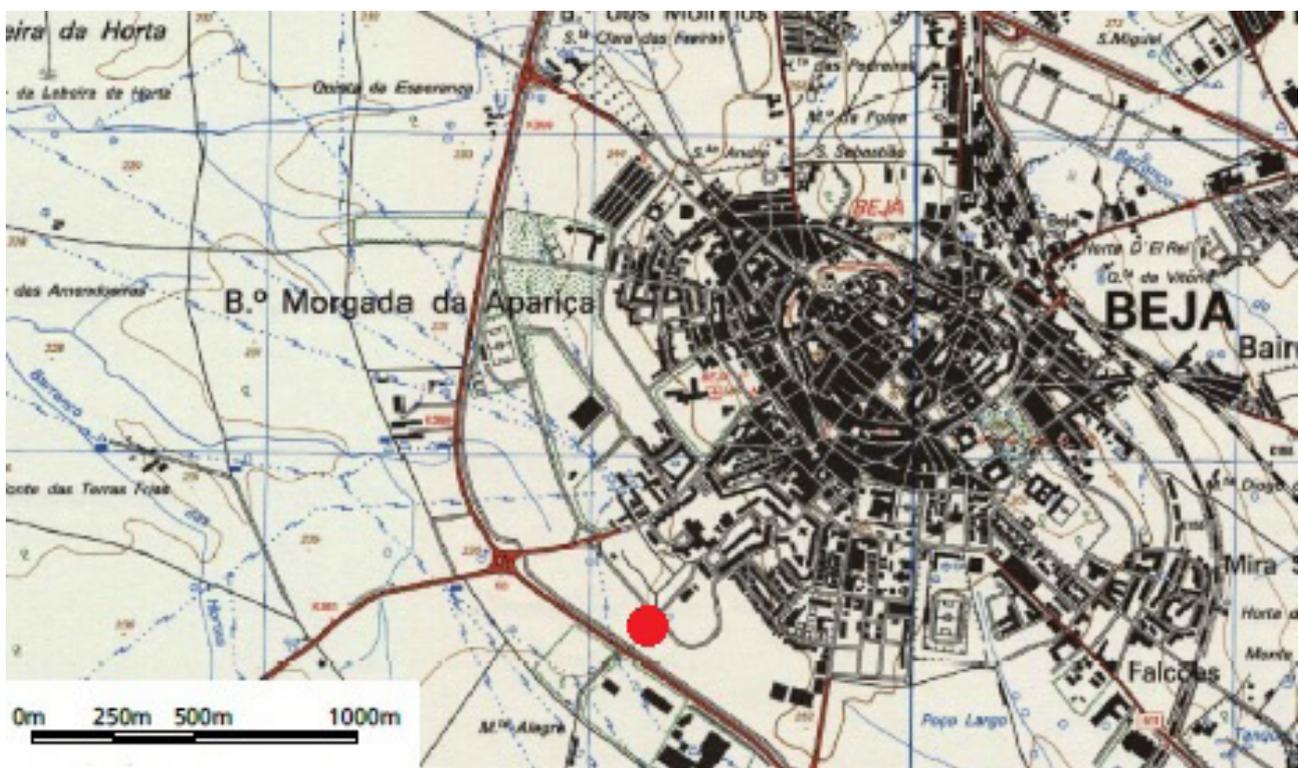


Fig. 1 - Localização do sítio na carta militar de Portugal, folha 521.



Fig. 2 - Planta do mausoléu.

ritual de enterramento: de cremação para inumação. Refira-se que o enchimento desta sepultura não foi escavado, pelo que não foi possível aferir se existem vestígios osteológicos no seu interior. Com a colocação deste enterramento aparentemente finda o uso do mausoléu, não se tendo observado a existência de enterramentos (de inumação ou cremação) posteriores.

Ainda em relação à primeira fase de utilização da estrutura, não nos parece completamente esclarecido se as cremações dos corpos foram totalmente efetuadas no exterior da estrutura e posteriormente colocadas no mausoléu dentro de urnas (cremação em *ustrinum*), ou se alguma das cremações foi feita no interior da própria estrutura (cremação em *bustum*). Esta hipótese resulta da identificação de vestígios do que aparentam ser bolsas de barro cozido assentes no “chão” do compartimento e também da recolha de vários fragmentos de vidro derretido em depósitos associados ao período de utilização do mausoléu, estando estes inequivocamente ligados ao processo de cremação dos corpos e exposição a altas temperaturas. Ressalte-se o facto de estes vestígios vítreos poderem ser resultado de cremações no exterior da estrutura e terem sido transportados para o



Fig. 3 - Vista geral do mausoléu.

seu interior juntamente com os restos ósseos das cremações.

O facto de a intervenção efetuada não abranger a totalidade das estruturas associadas ao mausoléu impossibilitou, em parte, a descoberta da entrada desta estrutura, tendo simultaneamente dificultado a compreensão imediata de alguns dos contextos e, em alguns casos, inviabilizado a compreensão total das relações de anterioridade/posterioridade existentes entre as várias estruturas que compõem o mausoléu. Nesse sentido, apenas futuras intervenções poderão esclarecer algumas das dúvidas que permaneceram, nomeadamente se alguma das estruturas identificadas associadas ao mausoléu, que extravasam os limites da sondagem, poderão pertencer a outros mausoléus. No que respeita às várias estruturas identificadas no sítio, observa-se o facto de, mesmo as mais antigas, serem construídas com o recurso a materiais reaproveitados (fragmentos de *tegula*, tijolo ou ânfora) podendo este dado colocar a hipótese de estas estruturas não serem as primeiras construções no local. Em pelo menos uma das fases de abandono registadas nestas duas sondagens, foram observadas valas de destruição de estruturas que estarão relacionadas com a recolha de

materiais de construção para reaproveitamento e construção de novas estruturas, pelo que não é descabido colocar-se a hipótese de as estruturas encontradas nestas sondagens serem elas próprias resultado do reaproveitamento de estruturas mais antigas, desconhecendo-se, no entanto, a sua eventual localização. Para além do reaproveitamento de materiais nas estruturas, existem materiais cerâmicos de datação anterior ao séc. I d.C. misturados nos depósitos de cronologia posterior, nomeadamente alguns fragmentos de cerâmica campaniense tipo B e de paredes finas itálicas, que nos apontam para uma ocupação/utilização do espaço mais antiga, eventualmente no século I a.C.

Para além da necrópole foram identificadas duas calçadas, uma mais recente (Fig. 4) sobrepondo-se a uma mais antiga. A calçada de cronologia mais recente teve uma utilização praticamente até aos nossos dias, desconhecendo-se, porém, a data da sua construção, não existindo materiais associados que permitam apontar para uma cronologia de construção. O único facto observável é o de esta calçada mais recente substituir uma mais antiga, que foi aterrada para a construção desta mais recente. O trajeto de ambas as vias aparenta ser o mesmo, dado que uma se sobrepõe à outra, e a sua substituição foi eventualmente motivada pela

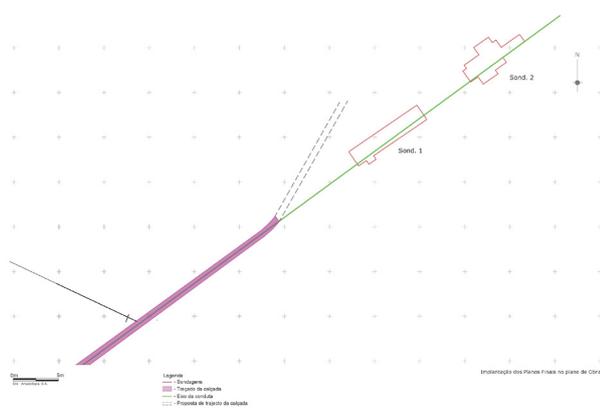


Fig. 4 - Vista em planta da calçada e sondagens da necrópole.

degradação da mais antiga ou a necessidade de subir a cota de circulação.

À semelhança do sucedido com a via mais recente, também a calçada mais antiga não apresenta materiais que possam datar a sua construção ou período de utilização, pelo que a atribuição de uma cronologia será maioritariamente especulativa. Porém, a hipótese de se tratar de uma via romana deverá ser grandemente ponderada, tendo em conta que esta via e as estruturas da necrópole assentam no mesmo depósito castanho argiloso, de origem natural, ou seja, em princípio foram as primeiras construções no local; em segundo lugar, se tivermos em conta as cotas dos dois contextos, (238,43m na calçada e 238,60m no fundo do mausoléu (na fase mais antiga), verificamos que existe apenas uma pequena diferença na cota de circulação de ambas as realidades; por último, é observável no terreno que a calçada segue numa determinada direção em linha reta (SO-NE) e ao aproximar-se das estruturas da necrópole faz um pequeno desvio para norte, de modo a contornar estas realidades (Fig. 4). Este desvio pode ser explicado pela pré-existência destas estruturas no local que impediu a via de seguir em linha reta como vinha a seguir até então. Porém não é possível perceber se a utilização destas duas realidades foi simultânea e por quanto tempo, ou seja, se a necrópole se manteve em utilização durante todo



Fig. 5 - Vista da calçada.

o período de uso desta via ou se, por exemplo, quando se deu a construção da calçada a necrópole já se encontraria em ruínas. Qualquer que seja o caso, parece evidente que o traçado da calçada nesta zona teve em conta a existência da necrópole ou, pelo menos, das suas ruínas.

À argumentação anteriormente apresentada soma-se a eventual localização de algumas das portas da cidade romana de Beja, nomeadamente as designadas “portas de Aljustrel”, ou mesmo a hipótese colocada por Jorge de Alarcão que situa uma porta na atual Rua Brito Camacho (Alarcão, 1990). Se for estabelecido um alinhamento reto da calçada na direção da cidade, poderemos constatar que alcançará uma localização próxima destas duas portas, sendo possível especular, caso seja verdadeira a existência de alguma destas portas, que esta via entraria na cidade por um destes acessos, ressaltando-se que com os dados atuais não é possível determinar qual seria o seu destino, podendo apenas colocar-se a hipótese de esta se dirigir eventualmente para Vipasca ou Myrtilis.

Componente bioantropológica

As quatro estruturas funerárias do sítio da Estrada da Calçada 2 continham vestígios osteológicos humanos cremados, destacando-se a sepultura 2 por apresentar, pelo menos, duas cremações distintas. Observou-se a presença de urna funerária (Fig. 6) em três das quatro cremações recuperadas o que, aliado à ausência de marcas da ação de fogo e à diminuta quantidade de carvões recuperada, permitiu determinar que estas estruturas funerárias constituíam locais de deposição secundária.

A preservação do material osteológico cremado foi negativamente influenciada por fatores de ordem tafonómica (por exemplo, flora). Salientam-se as



Fig. 6 - Vista de urna.

manchas de cor verde resultantes do contacto com metal que um fragmento de íliaco da cremação [245] ostentava. O baixo índice de preservação, aliado à própria natureza destes vestígios, condicionou a sua classificação, que se realizou maioritariamente de acordo com a região anatómica (crânio, ossos longos e inclassificáveis). Entre os ossos mais representados constam os ossos do tarso, o fémur e o íliaco.

No que respeita à coloração do material ósseo, verificou-se o predomínio da cor branca (Fig. 7) com *nuances* de cinzento azulado em duas cremações, enquanto nas restantes, para além do branco, se verificou também a presença de outras colorações, como o castanho, o preto e o amarelo. Estes dados são indicativos de que as temperaturas de combustão das cremações terão oscilado entre um mínimo de 20°C e um máximo de 940°C (Shipman, Foster e Schoeninger, 1984), o que



Fig. 7 - Fragmento de osso longo de cor branca.

pode correlacionar-se com o tempo de exposição ao calor e/ou a existência de focos de calor durante a cremação do cadáver, sendo que as zonas mais próximas apresentariam temperaturas de combustão mais elevadas, em oposição às zonas mais afastadas, onde as temperaturas registadas seriam menores (Silva, 2009).

O material osteológico exumado da Estrada da Calçada 2 exibia três tipos de fratura, sendo as mais frequentes as transversais direitas, seguidas das fraturas do tipo pátina. As fraturas transversais encurvadas verificaram-se apenas no material recolhido da cremação [248] (Fig. 8). Os dados apresentados são compatíveis com cremações em osso fresco (cadáver) (Buikstra e Swegle, 1989; Etxebérria, 1994; Herrmann e Bennet, 1999; Symes *et al.*, 2001).

As características arquitetónicas das estruturas cinerárias, os rituais funerários observados e o tipo de espólio votivo recolhido indicam gestos funerários romanos. Na região do Baixo Alentejo têm-se intervencionado necrópoles cinerárias do período romano, entre as quais constam a necrópole da Herdade do Vale 6 (Cuba) (Cosme, 2009; Silva, 2009), e a necrópole da *Villa Romana da Mesquita do Morgado*, em S. Maços (Évora) (Ferreira, 2014).



Fig. 8 - Vista palmar de um astrágalo direito com fraturas transversais encurvadas.

A amostra osteológica humana recolhida das estruturas cinerárias da Estrada da Calçada 2 é constituída por um total de quatro cremações. Partindo do pressuposto de que cada cremação corresponde apenas a um indivíduo, então o número mínimo desta amostra é de, pelo menos, quatro indivíduos. A maturação do esqueleto foi observável somente em três cremações, constando-se a presença de um indivíduo adulto e de dois indivíduos subadultos (Fig. 9) (Herrmann *et al.*, 1990; Ubelaker, 1974). Devido ao baixo índice de preservação do espólio ósseo humano, a sua análise paleobiológica foi seriamente comprometida. Unicamente foi exequível a estimativa da idade à morte para os indivíduos imaturos. Para um deles, este parâmetro determinou-se com base no desenvolvimento da coroa de três dentes permanentes (1º incisivo superior direito, canino indeterminado e 1º molar inferior direito), o que permitiu indicar uma idade compreendida entre os 2 e os 4 anos (Ubelaker, 1989) (Fig. 9). Para o segundo indivíduo imaturo foi através do intervalo de fusão da epífise proximal do úmero e da epífise distal do rádio que se estabeleceu um intervalo etário compreendido entre os 14 e os 22 anos (Cardoso, 2008).



Fig. 9 - Pormenor do 1º molar inferior direito permanente, cuja coroa não estava completamente calcificada (3 anos \pm 12 meses).

Materiais arqueológicos

O espólio material recolhido no sítio da Estrada da Calçada 2 remete-nos na quase totalidade para o mobiliário funerário. Registamos a presença de fragmentos de cerâmica campaniense B, alguns fragmentos de pequena dimensão de cerâmica de paredes finas, *terra sigillata*, cerâmica comum (urnas), fragmentos de lucerna e unguentários em cerâmica (Fig. 10) e vidro (Fig. 11).

Em relação a estes últimos, salienta-se a grande desproporcionalidade entre os fragmentos de vidro e de cerâmica. Os unguentários em cerâmica superam em muito, em quantidade, os de vidro, e mesmo comparando com todos os outros materiais juntos, estas peças destacam-se, tendo-se calculado, entre as centenas de fragmentos, em mais de 50 o número mínimo de peças individuais. Todos os unguentários cerâmicos em que foi possível identificar a forma correspondem à forma Oberaden 29 (Beltrán, 1990) / tipo 63 (Vegas, 1973) (Fig.



Fig. 10 - Unguentários em cerâmica.

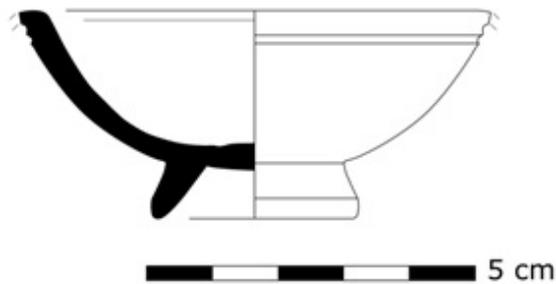
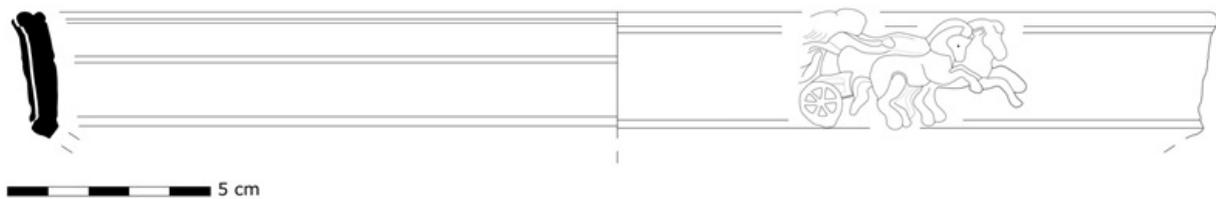


Fig. 11 - Fundo de unguentário em vidro.

10), peças que foram fabricadas a partir da última metade do séc. I a.C., desaparecendo em meados do séc. I d.C., altura em que são substituídas pelos unguentários em vidro (Fig. 11).

Relativamente ao grupo da *terra sigillata*, observa-se que, em termos de fabrico, existe uma predominância das produções itálicas e gálicas, com presença menor dos centros oleiros hispânicos. Todos os fragmentos são originários de depósitos de abandono/não utilização, não existindo nenhuma peça associada diretamente a alguma das cremações. As produções hispânicas encontram-se localizadas apenas nos níveis finais de abandono da necrópole, sendo as restantes produções distribuídas mais uniformemente pelos vários depósitos de abandono/não utilização.

Os fragmentos são de reduzidas dimensões, facto que dificulta a sua identificação em termos formais, tendo sido possível, no entanto, identificar algumas formas, entre as quais exemplos de Drag.27, 29b e 35 (Fig. 12), Goud. 37 e Consp.21.2 (Fig. 13). Do conjunto deste tipo cerâmico destacam-se algumas peças com marca de oleiro (não foi possível a identificação de nenhum dos produtores) e de dois fragmentos de *terra sigillata* marmoreada de produção gálica, nos depósitos [208] e [209].

Fig. 12 - *Terra sigillata* gálica marmoreada, Drag.35.Fig. 13 - *Terra sigillata* itálica, Consp. 21.2.

Conclusão

A intervenção efetuada no sítio da Estrada da Calçada 2 permitiu a identificação de várias estruturas e enterramentos em urna, associados a uma necrópole do período romano do século I d.C., localizada nas imediações da cidade de Beja.

Os vestígios referentes à necrópole concentravam-se maioritariamente na sondagem 2, onde todos os contextos intervencionados estão associados a uma estrutura tipo mausoléu. O referido compartimento apresentava marcas de pelo menos duas fases distintas de utilização: uma primeira fase onde são colocados restos de cremação em urna, enterradas no chão da câmara, juntamente com espólio funerário (unguentários em cerâmica); e uma segunda fase onde existe uma remodelação do mausoléu e é construída uma sepultura de inumação junto da parede sul, colocando-se a hipótese de que com esta ação findou o uso do mausoléu, não se tendo observado a existência de enterramentos (inumação ou cremação) posteriores.

Relativamente à primeira fase de utilização da estrutura, salienta-se que não ficou completamente esclarecido se as cremações dos corpos foram totalmente efetuadas no exterior da estrutura e posteriormente colocadas no mausoléu dentro de urnas ou se alguma das cremações foi feita no interior da própria estrutura.

Os vestígios osteológicos exumados nas várias cremações identificadas no mausoléu apontam para a presença de pelo menos quatro indivíduos, tendo sido possível identificar a existência de um indivíduo adulto, sem confirmação da sua idade à morte, e dois subadultos com idades distintas: uma criança com 2 a 4 anos de idade e um adolescente com 14 a 22 anos de idade.

Para além da necrópole identificaram-se duas calçadas, uma mais recente sobrepondo uma mais antiga, sendo a via mais antiga com elevada probabilidade contemporânea da referida necrópole, ou seja, do período romano. Assumindo como verdadeira essa premissa, poderemos estar perante a presença de uma via romana à qual se associava a descrita necrópole. Este caminho

encaminhar-se-ia para uma das portas da cidade romana como por exemplo as designadas “portas de Aljustrel” ou uma das hipóteses colocada por Jorge de Alarcão de uma porta situada na atual Rua Brito Camacho (Alarcão, 1990).

A intervenção tanto desta necrópole, como da mencionada via, vem ajudar a complementar os conhecimentos já existentes sobre a Beja romana, nomeadamente no que respeita à localização e caracterização das suas necrópoles e vias de comunicação. De facto, nos anos 90 do século XX, havia já sido identificada e escavada parcialmente uma necrópole romana no local onde se efetuavam as obras de requalificação da Pousada de S. Francisco (Lopes, 2000). Os resultados então obtidos demonstravam a presença de várias sepulturas, tanto de inumação como de incineração, tendo sido possível datar estas últimas entre os finais do século I d.C. e os inícios do século II d.C, ou seja, uma cronologia muito próxima à obtida na necrópole agora em análise, salientando-se, no entanto, que o tipo de deposição das cinzas se fez de modo diferenciado, sem qualquer tipo de estruturação individual.

Uma outra necrópole romana poderá localizar-se na zona da Estação de Caminhos de Ferro da cidade, tendo-se encontrados vestígios na área aquando a execução de vários trabalhos de construção civil durante o século XX (Lopes, 2000). Apesar da constatação da sua presença, até ao momento ainda não foram realizados trabalhos arqueológicos no sítio que possam providenciar uma caracterização dessa realidade.

Bibliografia

- ALARCÃO, Jorge de (1990). A urbanização de Portugal nas épocas de César e de Augusto. In Walter Trillmich e Paul Zanker (coords.) *Stadtbild und Ideologie die Monumentalisierung hispanischer Städte zwischen Republik und Kaiserzeit*. München: Verlag der Bayerischen Akademie der Wissenschaften, pp. 43-57.
- BELTRÁN, Miguel (1990). *Guía de la cerámica romana*. Zaragoza: Livros Pórtico.
- BUIKSTRA, Jane E.; SWEGLE, M. (1989). Bone Modification Due to Burning: Experimental Evidence. In Robson Bonnischsen; Marcella H. Sorg *Bone Modification*. Orono, Maine: Center for the Study of the First Americans, Institute for Quaternary Studies, University of Maine, pp. 247-258.
- COSME, Susana (2009). *Intervenção Arqueológica na Herdade do Vale 6 – Relatório Final*. Relatório Técnico-Científico, ArcheoEstudos, Investigação Arqueológica Lda.
- CARDOSO, Hugo (2008). Age Estimation and Young Adult Male and Female Skeletons II, Epiphyseal Union at the Upper Limb and Scapular Girdle in a Modern Portuguese Skeletal Sample. *American Journal of Physical Anthropology*, 137, pp. 97-105.
- ETXEBERRIA, Francisco (1994). Aspectos macroscópicos del hueso sometido al fuego: revisión de las cremaciones descritas en el País Vasco desde la arqueología. *Munibe*, 46, pp. 111-116.
- FERREIRA, Maria T. (2014). Villa Romana da Mesquita do Morgado (S. Manços, Évora): Considerações acerca das práticas funerárias. *Actas do 4º Colóquio de Arqueologia do Alqueva - O Plano de Rega (2002-2010)*. Beja: EDIA, S.A., pp. 246-249.
- HERRMANN, Bernd; GRUPE, Gisela; HUMMEL, Susanne; PIEPENBRINK, Hermann; SCHUTKOWSKI, Holger (1990). *Prähistorische Anthropologie. Leitfaden der Fels- und Labormethoden*. Berlin - Heidelberg: Springer-Verlag.
- HERRMANN, Nicholas P.; BENNETT, Joanne L. (1999). The differentiation of traumatic and heat related fractures in burned bone. *Journal of Forensic Sciences*, 44-3, pp. 461-469.
- LOPES, Maria da Conceição (2000). *A Cidade Romana de Beja*, Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- SILVA, Filipa C. (2009). *Intervenção Antropológica na Necrópole Romana da Herdade do Vale 6 - Relatório Final*. Relatório Técnico-Científico, ArcheoEstudos, Investigação Arqueológica Lda.

- SHIPMAN, Pat; FOSTER, Giraud; SCHOENINGER, Margaret (1984). Burnt Bones and Teeth: An Experimental Study of Color, Morphology, Crystal Structure and Shrinkage. *Journal of Archaeological Science*, 11-4, pp. 307-325.
- SYMES, Steven; POPE, E.; SMITH, O.; GARDNER, C.; ZEPHRO, L. (2001). Burning Observations. III: analysis of fracture patterns in Burned Human Remains. *Proceedings of the American Academy of Forensic Sciences*, 7, pp. 278.
- UBELAKER, Douglas (1974). *Reconstruction of demographic profiles from ossuary skeletal samples: a case from the Tidewater Potomac*. Washington, D.C.: Smithsonian Institution Press.
- UBELAKER, Douglas (1989). *Human Skeletal Remains: excavation, analyses and interpretation* (2ª edição). Washington, D.C.: Taraxacum Washington.
- VEGAS, Mercedes (1973). *Cerámica Común Romana del Mediterráneo Occidental*. Barcelona: Universidad de Barcelona, Instituto de Arqueología e Prehistoria.